

CARTAS DE CARLOS DRUMMOND E HENRIQUETA: LITERATURA E AFETO

Constância Lima Duarte
UFMG

Em meio ao riquíssimo espólio intelectual de Henriqueta Lisboa, zelosamente resguardado em sua Sala, no Acervo de Escritores Mineiros da UFMG, composto de preciosa biblioteca, dezenas de livros autografados, recortes de jornais, quadros, fotografias, móveis e inúmeros objetos pessoais, encontra-se ainda grande parte das milhares de cartas que a poeta recebeu ao longo da vida — de familiares, de ilustres desconhecidos e, naturalmente, de inúmeros escritores nacionais e estrangeiros. Dentre os primeiros, lembro Cecília Meireles, num total de quarenta e cinco cartas, de 1931 a 1963; Alphonsus de Guimaraens Filho, trinta e três cartas, de 1947 a 1969; Mário de Andrade, quarenta e duas cartas, de 1940 a 1945; Manuel Bandeira, sete cartas, de 1950 a 1963; e Stella Leonardos, 20 cartas, de 1969 a 1984, dentre muitos outros. Todas, com exceção das de Mário de Andrade, permanecem inéditas.

Também se encontram, em meio a esta farta correspondência, vinte e sete cartas assinadas por Carlos Drummond de Andrade, algumas manuscritas, outras datiloscritas, em fino papel de seda ou em cartões oficiais do Ministério. Não se trata, com certeza, do conjunto completo da correspondência que Henriqueta recebeu do poeta mineiro. As grandes lacunas entre as datas e a falta de continuidade nos assuntos tratados, por exemplo, revelam que muitas outras existiram e se perderam.

Da mesma forma, a correspondência assinada por Henriqueta Lisboa e recebida por Carlos Drummond. Essa, em número um pouco maior — trinta e quatro cartas — encontra-se depositada nos arquivos da Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro. Curiosamente, tanto a primeira como a última destas cartas, foram escritas no mês de janeiro — de 1938 e 1983,

respectivamente —, perfazendo quarenta e cinco anos de convívio literário, cujas marcas encontram-se profundas nas cartas que trocaram.

Há um pouco de tudo nestas missivas. Desde notícias sobre a saúde, os pêsames por um falecimento, o agradecimento por um favor, até a apresentação de um novo poeta ou o comentário sobre algum fato mais relevante. Mas, principalmente, estas cartas respiram vida literária e apontam para o relacionamento cordial que se criou entre eles. À medida que trocavam livros, os poetas se escreviam para acusar o recebimento de uma obra e muitas vezes para tecer comentários que são verdadeiros pequenos ensaios sobre a literatura e a poesia. Em algumas, estabelece-se, em meio a conversas mais íntimas de amizade, um diálogo de alto nível, que vem a ser, nos dias de hoje, um valioso documento da nossa história intelectual. Nestes momentos, para além da comunicação entre dois amigos, temos, antes, uma espécie de fórum de discussão sobre a criação poética.

Cito alguns desses momentos. Primeiro, um trecho de uma carta de Carlos Drummond, datada de 6 de março de 1944, em que o poeta agradece os comentários que Henriqueta fez, em outra carta, aos poemas de *Confissões de Minas*:

Eu não podia receber melhor palavra sobre meu poema do que a sua. Nunca me esqueço do poeta cada dia mais concentrado, mais essencial que você é. Entre sua poesia e seu material de expressão já não há nenhum espaço vazio. Para cada conceito você encontrou a palavra justa, e essa palavra, como o conceito, é de uma fluidez e de uma pureza definitiva.

Um outro é de uma carta de 18 de janeiro de 1966, em que o poeta elogia e admira a tradução realizada por Henriqueta da *Divina Comédia*:

Você nos proporcionou a todos uma nobre emoção, ao comentar e traduzir Dante da maneira como o fez. Que arte segura, sensível às mais sutis criações do pensamento poético original, e engenhosa no achar-lhe peregrina correspondência vernácula! É de deixar a gente morrendo de inveja, uma feliz e santa inveja, que traduz o máximo de admiração.

E, por fim, cito palavras de Henriqueta que se encontram em uma longa e interessante carta datada de 28 de outubro de 1940, a propósito do livro que ele acabava de lançar:

Depois de ler e reler, com singular interesse, o *Sentimento do mundo*, quero manifestar-lhe a impressão que me causou esse livro estranhamente sofrido, intensamente realizado. Não conheço, na poesia brasileira, livro mais grave do que esse; nem mais sóbrio na sua plenitude artística, nem mais triste, na sua substância anímica. Do absoluto real, e só dele, se alimenta a sua poesia: grave, pois, pela força do elemento humano. Sóbrio pela concentração dessa força nos limites de uma arte impressiva, talhada a golpes firmes e fundos. E triste pela obstinação que o leva a refletir unicamente o lado cruel da existência.

Assim, ter acesso à correspondência trocada por escritores do quilate de Drummond e Henriqueta, justamente quando comemoramos seus centenários de nascimento, reveste-se, de um

significado ainda mais especial. Significa, por exemplo, a oportunidade de conhecê-los um pouco mais, assim como de vislumbrar as particularidades da amizade que os unia, feita de carinho, confiança e respeito intelectual. À medida que as cartas se tornam freqüentes e os anos passam, elas vão deixando transparecer uma valiosa dimensão confessional. Aqui e ali, são revelados inúmeros pormenores biográficos, em tom coloquial e íntimo. Através da carta, sabemos, o emissor se expõe muitas vezes como não faria na presença física do receptor, e as opiniões parecem surgir mais sinceras e espontâneas. O autor se coloca aparentemente por inteiro, sem maiores cuidados intelectuais, com a pura intenção de conversar com um interlocutor ausente, mas sempre presente de forma implícita.

Como neste pequeno fragmento de carta, que Henriqueta, ao agradecer o envio do livro *Cadeira de balanço*¹, escreveu:

O seu livro chegou nos primeiros dias do inverno. Eu estava com uma gripe miúda, mas implacável — que até hoje me persegue. Instalada na minha cadeira de balanço, fui lendo a que você me enviou. Além do suave devaneio, tive o conforto de conhecer, devagar e detidamente, o balanço de um grande coração. Como pode ele transmitir tranqüilamente, para lá, para cá, entre o viver quotidiano e as coisas inefáveis? (20 / 06 / 1966)

Ou neste outro:

¹ O exemplar de *Cadeira de balanço* (1966) que HL recebeu, guarda a seguinte dedicatória: “A Henriqueta Lisboa, sempre admirável na sua poesia e na sua discrição, este móvel mineiro, do seu amigo, Carlos Drummond. Rio, maio 1966”.

Minha avó costumava acordar a netinha tocando-lhe o rosto com uma folha de malva. Você agora me saúda — irmão — com a mesma delicadeza de antigamente. (18 / 04/ 1077)

Nas cartas de Carlos Drummond, o tom não é diferente:

Agradeço-lhe a boa palavra que me mandou – e a que quis juntar um de seus mais belos e profundos poemas. Não sei (infelizmente nada sei) se a morte será esse ponto final de comunhão, que os seus versos fixaram de uma maneira alusiva tão extraordinária. Mas gostaria que fosse. E é grande consolo que a sua poesia me dá, com essa concepção alta de um encontro de “simplicidade suprema”.
(21/ 02/ 1949)

Por esta pequeníssima mostra, é possível verificar como a correspondência de um escritor pode se tornar em um precioso documento da biografia, quase uma autobiografia fragmentada, que ele vai expondo, até mesmo sem se dar conta disso. Muitas informações, que encontramos de forma despreocupada nas cartas, podem iluminar aspectos obscuros ou pouco conhecidos da história intelectual e pessoal do escritor e da própria história de sua época. E, na correspondência, quanto maior a confiança e a cumplicidade entre os interlocutores, mais próximo da ‘verdade’ parece estar o discurso, pois vem despojado de ‘enfeites’ e de superficialidades.

Conhecer esta correspondência significa, enfim, perceber que nenhum estudo da obra de Carlos Drummond de Andrade e de Henriqueta Lisboa estará completo se não for realizada, também, a análise das cartas que cultivaram ao longo de suas vidas.

Antonio Candido afirmou certa vez, a propósito de Mário de Andrade, que as cartas eram peça chave na biobibliografia do escritor, pois elas esclarecem pontos e revelam facetas muito mais do que o conjunto de obras que ele publicou.² Através de fragmentos da correspondência (os biografemas, de Barthes), é possível reconstruir não só a história de vida, mas principalmente a trajetória de seu discurso literário.

A correspondência trocada entre Henriqueta Lisboa e Carlos Drummond de Andrade, deve ser, portanto, pesquisada e analisada também como documentação literária e autobiográfica importante para a compreensão da obra dos escritores e como testemunho de um momento cultural brasileiro, uma vez que muitas cartas contêm um registro pessoal acerca dos acontecimentos. O conjunto das cartas ultrapassa a vida íntima e intelectual e desvenda parte do processo de criação e da poética de cada um, configurando-se também como um documento da história intelectual do país.

Se considerarmos o zelo e a organização com que Henriqueta Lisboa conservou os inúmeros bilhetes, cartas e cartões recebidos ao longo de sua vida, podemos quase concluir que ela parecia desejar que sua correspondência fosse lida por outros e revelasse como a experiência de vida está ligada à escrita da obra e mesmo à história da literatura. E no estudo das trajetórias individuais, quando o indivíduo desempenha o papel de mediador entre diferentes experiências, como parece ter sido o caso de Carlos Drummond, a divulgação da correspondência se impõe, para que possa também ser apreendida sua subjetividade, enfim.

² CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Editora Nacional, 1985.